

EDGAR DE DECCA**1930: O SILÊNCIO DOS VENCIDOS****YARA-AUN KHOURY**

São Paulo Editora Brasiliense 1981

O livro "1930, o silêncio dos vencidos", de Edgar de Decca, é fruto de reflexões do autor em torno da posição do intelectual frente às demandas de poder desencadeadas pelos diversos agentes sociais. Segundo ele, a produção discursiva suporta práticas sociais e serve de base para legitimação de inúmeros trabalhos acadêmicos. O discurso acadêmico, ao não falar em seu nome, oculta o lugar onde ele é produzido e não permite uma operação crítica capaz de investir contra os próprios objetivos e temas comuns na área de ciências humanas.

De Decca observa, por outro lado, que demandas de poder reivindicadas pelas práticas sociais dos últimos anos foram evidenciando a existência dos dispositivos ideológicos que sustentaram a produção da historiografia. Passou-se a questionar o lugar ocupado pelo historiador na ordem da produção do saber como também passou-se a requisitar sua inserção nas práticas políticas do presente.

A preocupação de De Decca com o período final da década de 20 e os anos 30 é no sentido de entender essa produção discursiva que suportou práticas sociais no passado e que, ainda no presente, serve de base para a legitimação de muitos trabalhos historiográficos. Propõe-se a repensar a estratégia da produção intelectual com relação aos seus temas de pesquisa, o que, para ele, é uma reflexão em torno da posição do intelectual frente às demandas de poder desencadeadas pelos diversos agentes sociais.

Empenhado em compreender o significado histórico do chamado "insucesso político" perpetuado pela memória histórica busca o momento de sua produção no trabalho da luta de classes e procura as representações que cristalizaram a derrota.

Refere-se ao discurso "revolução de 30" como um dispositivo ideológico para ocultar a luta de classes não só durante como também após esse momento histórico "graças ao discurso, à prática e à memória do vencedor, elevados à condição de memória histórica".

Ressalta a função do intelectual de desmontar discursos como esses, buscando na luta de classes - lugar onde a história se produz - a explicação dos fatos.

No caso, propõe-se a discutir a produção acadêmica sobre a revolução de 1930, procurando desvendar a história nesse momento da luta de classes a partir da prática proletária (os vencidos). Procura ao mesmo tempo compreender essa prática dentro do contexto da revolução.

Segundo o autor, os discursos, observados dentro da conjuntura em que foram produzidos, deixam transparecer a intenção de ocultar a luta de classes naquela conjuntura. Com esse objetivo, os vencedores, ao apresentar a Nação como sujeito histórico tornam possível dissimular a figura dos que foram vencidos. Dentro dessa perspectiva também, a construção da "revolução de 30" é feita em torno de uma temática comum para todos os sujeitos políticos, que envolve as seguintes questões: a industrialização, a revolução e a democracia.

Mas De Decca faz notar que, embora o discurso político dos diferentes protagonistas da história nesse momento tematize as mesmas questões, há uma diversidade programática, pois os sujeitos políticos, na realidade, são diferentes para realizar o projeto histórico.

De Decca analisa cada um dos itens dessa temática, observando os interesses e projetos dos diferentes protagonistas, tentando mostrar como o discurso se fundou na memória dos dominantes, e como o trabalho historiográfico permaneceu no interior dessa ideologia.

Utiliza 1928 como baliza da revolução burguesa porque, segundo ele, nesse momento as propostas políticas das diferentes classes se definem naquele sentido e cada uma delas tenta expressar uma direção possível a partir da sua realidade social.

Nesse momento, a burguesia industrial, ao contrário de débil e irrelevante para o processo econômico e político, define sua estratégia para garantir a direção política dos acontecimentos e eliminar outros projetos contemporâneos ao seu.

O autor mostra como essa burguesia tem um projeto de redefinição da ação do Estado e da organização da sociedade e o quer generalizar para toda a Nação. Ela quer garantir sua hegemonia demonstrando o interesse da industrialização articulada ao progresso nacional e defendendo a racionalização industrial como fator de auto-conservação nacional e de estabilidade social.

Ainda dentro do tema da industrialização essa classe visa a liquidação sistemática de toda a organização do proletariado, tanto ao nível dos Sindicatos quanto do seu partido parlamentar, o BOC (Bloco Operário Camponês).

Examinando o tema da revolução de Decca apresenta as diferentes interpretações dadas pelo Partido Democrático (PD), pelos "revolucionários" de Prestes e pelo BOC. Tentando ocultar a luta entre o capital e o trabalho a luta é deslocada para uma oposição à oligarquia.

Enquanto a burguesia industrial procura eliminar o tema, as oposições querem fazer a "revolução" no sentido do fortalecimento do Estado e na condição de impedir a direção do proletariado. Ou seja, uma "revolução" que não altere as regras fundamentais do jogo e que esvazie o projeto operário. O BOC, na qualidade de partido político operário parlamentar, é um instrumento visado pela oposições como um aliado da uma "revolução" defendida fora de, capaz de neutralizar a classe operária. Sua legalidade se define perante a classe dominante mas sua legitimidade depende da classe operária. O BOC, ao participar da "revolução" aparece

como contradição viva. Num projeto de defesa da industrialização no sentido de fortalecimento do mercado interno não avalia a força real da burguesia industrial e rouba de si mesmo a possibilidade de dirigir a revolução e de liderar o movimento operário. Seguindo o esquema de oposição imaginária contra a oligarquia esvazia sua possibilidade de condução do processo; é politicamente demolido e historicamente excluído.

O tema da democracia, por sua vez, é entendido pelo PD e pelos "revolucionários" dentro dos limites dos conceitos liberais, como expressão de um sujeito universal, o povo. A universalidade do sujeito político torna viável a participação política da classe operária, mesmo porque interessa à classe dominante que os dominados possuam canais institucionais de participação, evitando as lutas sociais.

Assim como o autor expõe a força da burguesia sabendo neutralizar a democracia por meio da industrialização mostra também como uma "determinada forma de organização do proletariado" conduz ao seu insucesso político. Aponta como a interpretação dada pelo BOC à dinâmica da luta de classes levou ao aborto de um projeto histórico.

Aponta igualmente um aspecto fundamental que foi apagado da memória histórica e é salientado por Marilena Chauí: "... somente através da prática do BOC e das demais tendências operárias pode-se compreender os limites históricos das propostas democráticas dos "revolucionários" do PD e do PRP.